

COLEÇÃO PADRE JUSTINO: UMA COLEÇÃO, DIVERSOS SIGNIFICADOS.

FELIPE JOSÉ PICKSCIUS

Neste caso, de um sacerdote que foi muito importante para várias comunidades dentro de bairro inteiro. Sendo que este bairro relembra e o reverencia por todo o bem que ele fez. Uma coleção que pode ser vista não apenas como um agrupamento de objetos, mas também como o legado de uma vida inteira e uma herança que foi deixada para que as gerações posteriores ainda possam, por intermédio dela, rememorar esse religioso, que foi de fundamental importância para as pessoas da comunidade católica dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, em Barreiros, assim também, como de bairros próximos. Evitando que a memória e a história desse religioso se percam no tempo e espaço. Um clérigo que deixou saudades e amizades nos lugares por onde passou.

FELIPE JOSÉ PICKSCIUS

COLEÇÃO PADRE JUSTINO:

UMA COLEÇÃO, DIVERSOS SIGNIFICADOS.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Museologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia. Sob a orientação do Prof. Me. Valdemar de Assis Lima.

FLORIANÓPOLIS

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

PICKSCIUS, FELIPE JOSÉ
COLEÇÃO PADRE JUSTINO: : UMA COLEÇÃO, DIVERSOS
SIGNIFICADOS. / FELIPE JOSÉ PICKSCIUS ; orientador,
Valdemar de Assis Lima, 2019.
60 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Museologia,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Museologia. 2. Coleção. 3. Memória. 4. Legado.
5. Patrimônio. I. de Assis Lima, Valdemar . II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Graduação em Museologia. III. Título

FELIPE JOSÉ PICKSCIUS

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Bacharel em Museologia e aprovada em sua forma final pela banca examinadora.

Florianópolis, 12 de Julho de 2019.

Banca Examinadora:

Prof. Dr.
Valdemar Assis de Lima
Universidade Federal de Santa Catarina
Orientador

Prof. Dr^a. Alicia Norma Gonzales de Castells
Universidade Federal de Santa Catarina
Membro

Prof. Dr^a. Rose Elke Debiazi
Universidade Federal de Santa Catarina
Membro

Prof^a. Dr^a. Thainá Castro Costa Figueiredo Lopes
Suplente

AGRADECIMENTOS

Eu gostaria de agradecer primeiramente a Deus pelo dom da vida e toda inspiração. Agradecer de modo muito especial, a Nossa Senhora Aparecida pelas graças e bênçãos recebidas desde a minha infância até os dias atuais, acompanhando-me durante toda a graduação permitindo chegar até aqui. Queria também agradecer de modo muito especial, as Professoras Maria Bernadete Ramos Flores e Alícia Norma Gonzales de Castells que acompanharam a minha evolução na trajetória acadêmica. Ao meu orientador, Professor Valdemar de Assis Lima, pela paciência e dedicação. Aos demais professores pelo apoio e compreensão. Aos meus colegas de graduação que sempre me deram apoio e não deixavam o desânimo se abater sobre mim. De um modo carinhoso às colegas de graduação, Nêemias Gonçalves Costa e Júlia Moura Godinho. Aos meus familiares e amigos pela força nas horas mais difíceis. Aos meus pais pelo apoio e persistência. Sem me esquecer das pessoas que colaboraram de forma direta ou indireta para que essa pesquisa pudesse ser realizada, de modo especial ao Padre Alceoni Berkenbrok, por ter me ajudado indiretamente na escolha do tema desta pesquisa. Ao sobrinho-neto do Padre Justino, Maurice Aben, por abrir as portas de sua casa e me permitir acesso à coleção que é o objeto de estudos desta pesquisa. A Dona Maria Laura Exterkotter de Souza, por me fornecer o rascunho da biografia sobre o Padre Justino, que posteriormente foi lançada, e que serviu de grande ajuda no desenvolvimento da pesquisa. A senhora Maria do Carmo, por ter me concedido a entrevista. Ao senhor Jonas Duarte Silva, por fornecer fotos e informações que foram de grande ajuda. A todos vocês, o meu Muito Obrigado!

RESUMO

Uma coleção, de modo geral pode ser vista como um simples agrupamento de objetos, ou muitas vezes pode ser vista como um *hobby* ou uma necessidade de poder. Muitas vezes, sendo utilizada como válvula de escape da correria da vida quotidiana. Neste trabalho veremos que uma coleção pode ser reconhecida como algo muito mais grandioso, como as representações materiais das memórias e da vida pessoal de alguém. Neste caso, de um sacerdote que foi muito importante para várias comunidades dentro de bairro inteiro. Sendo que este bairro relembra e o reverencia por todo o bem que ele fez. Uma coleção que pode ser vista não apenas como um agrupamento de objetos, mas também como o legado de uma vida inteira e uma herança que foi deixada para que as gerações posteriores ainda possam, por intermédio dela, rememorar esse religioso, que foi de fundamental importância para as pessoas da comunidade católica dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, em Barreiros, assim também, como de bairros próximos. Evitando que a memória e a história desse religioso se percam no tempo e espaço. Um clérigo que deixou saudades e amizades nos lugares por onde passou.

Palavras-chave: Coleção, Memória, Legado, Patrimônio, Herança.

ABSTRACT

A collection can generally be viewed as a simple grouping of objects, or it can often be viewed as a hobby or a need for power. Often being used as an escape valve from the rush of everyday life. In this paper we will see that a collection can be recognized as something much grander, as the material representations of one's memories and personal life. In this case, from a priest who was very important to various communities within the entire neighborhood. Since this neighborhood remembers and reverences him for all the good he has done. A collection that can be seen not only as a grouping of objects, but also as the legacy of a lifetime and an inheritance that has been left so that later generations can still, through it, recollect this religious, which was of fundamental importance. For the people of the Catholic community of the Sacred Hearts of Jesus and Mary, in Barreiros, as well as in nearby neighborhoods. Preventing the memory and history of this religious being lost in time and space. A clergyman who missed and friendships in the places where he passed.

Keywords: Collection, Memory, Legacy, Heritage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa atual do bairro de Barreiros	13
Figura 2- Peça de cerâmica com imagem da Catedral de Heythuysen, Holanda; item da coleção do Padre Justino	15
Figura 3- Miniatura em metal da parte frontal da Igreja Matriz de Barreiros feita com base no esboço feito por Oscar Niemeyer	16
Figura 4- Padre Alceoni Berkenbrok ao lado do busto e da lápide do Padre Justino no dia da inauguração do busto.....	17
Figura 5- Foto do Centro Catequético com a inscrição em homenagem ao Padre Justino	18
Figura 6- Mapa do Satélite onde aparece a Rua Padre Justino Corjtens ...	20
Figura 7- Placa com a nomeação da rua em homenagem ao Padre Justino	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IPHAN- Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional

Pe. Justino- Padre Justino

UNESCO- Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
Capítulo I - Barreiros, o Padre Justino e sua coleção	13
Capítulo II - A coleção Padre Justino e sua relação com o conceito de memória	27
Capítulo III - A coleção Padre Justino como patrimônio, legado e herança	35
4 APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48
Anexo I	51
Anexo II	57

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é realizada tendo como suporte uma coleção de objetos pessoais que pertenceu a um religioso. Começo essa pesquisa fazendo minha apresentação, enquanto pesquisador, trazendo a minha realidade, contando um pouco sobre o bairro onde resido e o motivo pelo qual cheguei à escolha deste tema. Na sequência, falo sobre a vida do Padre Justino, destacando os pontos mais relevantes sobre o mesmo, para a pesquisa em questão. Depois faço uma reflexão a cerca do conceito de coleção, tendo como referencial o legado do Padre Justino materializado em objetos a ele pertencentes, falo também sobre colecionismo. Termino esta primeira parte fazendo uma breve explanação sobre os demais conceitos a serem debatidos no decorrer da pesquisa e que se relacionam direta ou indiretamente com o campo da museologia.

No 2º capítulo faço uma reflexão sobre o conceito de memória e seus desdobramentos de caráter individual e social, tendo como suporte a referida coleção, partindo da ideia de que a museologia entende as coleções não apenas como um grupo de objetos, mas como portadoras de memórias. Ainda neste capítulo é feito uma breve explanação sobre o conceito de lembrança, mostrando que apesar de serem parecidos aos olhos do senso comum, lembrança e memória não são a mesma coisa. Termino este capítulo fazendo uma breve apresentação dos conceitos debatidos no capítulo seguinte.

No 3º capítulo traço um diálogo entre a coleção Padre Justino e os conceitos de patrimônio, legado e herança. Mostrando que a coleção Padre Justino pode também ser vista destas três formas. Como o patrimônio que pertenceu a ele e que foi deixado como herança para sua família. Uma coleção que também representa, juntamente com as suas obras em prol da coletividade, o legado deixado por ele às próximas gerações, para que sirvam de referência da sua passagem na comunidade, mantendo viva a memória deste religioso, que foi de grande importância para a coletividade. Todas essas reflexões serão sistematizadas em um apanhado geral das ideias que foram trabalhadas nesta pesquisa, fazendo um resumo de todo o diálogo aqui apresentado.

Nasci em Florianópolis em 26 de abril de 1987 e sou morador no bairro de Barreiros, que pertence ao município de São José¹, pertencente ao estado de Santa Catarina. Sou acadêmico do curso de Bacharelado em Museologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e estou neste momento, realizando esta pesquisa como trabalho de conclusão do

¹ O município é originalmente chamado de São José da Terra Firme, nome este, dado pelos imigrantes açorianos que fundaram o município no dia 19 de março de 1750.

curso de graduação em Museologia. Pertence à comunidade católica dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria² que se encontra neste mesmo bairro. A Igreja Matriz dos Sagrados Corações foi construída graças aos esforços do Padre Justino em conseguir comprar o terreno. Ele arrecadou dinheiro e materiais que parte foi doada e o restante ele conseguiu comprar através da renda obtida pelos bingos, festas e eventos que ele mesmo organizou, tanto em Barreiros, como na Holanda, em prol da construção da igreja de Barreiros, que era um dos seus maiores sonhos. Além da construção da igreja, o religioso foi também responsável pela construção do Centro Catequético que é onde hoje fica as salas de catequese, a creche da Ação Social de Barreiros, que até hoje atende a toda a comunidade e também a Casa Paroquial, que é a residência do pároco, neste caso, o Padre Alcione. Este empreendimento foi construído com a finalidade de ser um espaço multifuncional, onde na época funcionava também um pequeno teatro que trazia apresentações era, portanto, um espaço de lazer para a população local.

² Este é o nome da comunidade católica em que estou inserido, e leva os nomes dos santos de devoção do Padre Justino. Conhecida também pelos paroquianos como apenas Igreja ou Paróquia dos Sagrados Corações.

CAPÍTULO I – O BAIRRO DE BARREIROS, O PADRE JUSTINO E SUA COLEÇÃO.

Figura 1: Mapa atual do bairro de Barreiros.



Fonte: <googlemaps>. (Acesso em: 04/04/2019 às 20h05).

Barreiros é um bairro relativamente grande com cerca de 20 mil habitantes, considerado um bairro de classe média e de maioria branca, é em grande parte, constituído por residências, mas também com alguns pequenos pontos de comércio local, além de algumas empresas de pequeno porte, geralmente familiares. No mapa indicado, podemos ver também que Barreiros faz divisa com a parte continental de Florianópolis. Muitos moradores do bairro, assim como eu, se deslocam todos os dias para a parte continental ou a parte ilhéu de Florianópolis, a grande maioria faz esse trajeto diariamente para trabalhar, ir à escola, universidade ou até mesmo para ir o médico e fazer consultas e exames, enfrentando todos os dias o trânsito da cidade, tanto na ilha quanto no continente.

Na Paróquia dos Sagrados Corações, o atual pároco, Padre Alceoni Berkenbrock têm o projeto de construir um memorial voltado para problematizar a história do bairro de Barreiros. Dentre as histórias que o memorial do bairro quer resguardar, temos a história do Padre Jacobus Hubertus Corstjens, que ficou conhecido na comunidade pelo apelido de Padre Justino³, fundador da paróquia dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria no início da década de 1960. O Padre falou-me da existência da coleção do Padre Justino e, como morador da comunidade, estudante do curso de Museologia e sabedor da importância do religioso para a coletividade e para a história do bairro, me interessei por estudar sobre esta coleção, que é a representação das memórias de alguém, que foi de grande

³ Denominação que utilizarei com mais frequência, visto que era a forma como ele era conhecido na comunidade.

importância na vida das pessoas que moram ou frequentam o bairro, bem como pessoas de outras proximidades. Esta coleção não possui nome específico, mas com a autorização de Maurice Aben⁴, denominei-a de Coleção Padre Justino e a partir de agora usarei essa denominação para a mesma, a fim de facilitar a compreensão do meu leitor da pesquisa em questão.

Eu enquanto morador de Barreiros e participante na comunidade católica dos Sagrados Corações, não me sinto apenas pertencente àquela comunidade, pelo fato de ter me criado e até hoje convivido com os membros daquela comunidade, mas também por me sentir parte da história dela e ter consciência do meu papel na propagação dessa história, que por sua vez está ligada a história e a vida do Padre Justino, que foi quem no passado a idealizou e construiu e hoje, muito depois de sua morte, a sua coleção está aí para evidenciar a importância dele e de sua memória para as pessoas que se julgam pertencentes desta coletividade.

Jacobus era holandês, nasceu em uma cidade da Alemanha chamada Mönchengladbach em 11 de fevereiro de 1913⁵. Ele era filho de imigrantes holandeses que se mudaram para a Alemanha em busca de uma melhor condição de vida e trabalho, visto que naquela época, uma grave crise econômica que ocorreu no país nos anos que antecederam a 1ª Guerra Mundial (1914-1918) e até mesmo durante o conflito. Crise esta que arruinou a Holanda, causando desemprego e fome na população. Com o fim da guerra a família do Padre Justino retornou a Holanda e teve de começar tudo novamente. O pequeno Justino então iniciou seus estudos aos 12 anos de idade no seminário dos Padres dos Sagrados Corações. Filiou-se a esta congregação no ano de 1933 e se ordenou padre em 7 de agosto de 1938 na cidade de Valkenburg, uma cidade no sudeste da Holanda. Em 31 de agosto de 1932 ele começou o noviciado em Bavel, um bairro da cidade de Breda, que se localiza na região sul da Holanda. Foi no mosteiro nesta mesma cidade que ele foi vestido com as vestes sacerdotais e recebeu o apelido de “Justino”, apelido esse que foi sua marca registrada até o fim de sua vida.

Antes de ser enviado ao Brasil, o sacerdote fez cursos de filosofia e teologia e realizou sua primeira celebração com o título de Padre Justino Corstjens na Paróquia de Heythuysen, uma cidade que fica no sudeste holandês, onde ganhou de presente de seus padrinhos de sacerdócio um

⁴ Sobrinho-neto do Padre Justino e atualmente mantenedor da coleção.

⁵ Conforme a explicação que me foi dada por Maurice Aben sobre este assunto, em uma das visitas que fiz a sua casa para rever a coleção. Segundo ele, na Europa o que vale é o laço de sangue ou de parentesco e não a localidade de nascença, ou seja, no caso do Padre Justino, ele é holandês, por ser filho de holandeses e não alemão por ter nascido na Alemanha.

cálice⁶. Ele trabalhou na cidade de Heythuysen até ser transferido para o Brasil em julho de 1939. O padre foi enviado ao Brasil como missionário, quando então tinha 26 anos de idade. Ele embarcou no dia 28 de setembro de 1939 e chegou ao Brasil em 13 de outubro de 1939, desembarcando no porto do Rio de Janeiro, bem no começo das hostilidades da 2ª Guerra Mundial (1939-1945).

Figura 2 - Peça de cerâmica com imagem da Catedral de Heythuysen, Holanda; item da coleção do Padre Justino.



Foto: Felipe José Pickscius, 2018.

No Brasil, ele trabalhou em outros estados⁷ antes de chegar a Santa Catarina, entre eles Rio de Janeiro, onde conheceu o arquiteto Oscar Niemeyer⁸, de quem se tornou amigo e recebeu de presente um rascunho da igreja que seria construída anos mais tarde. Em Santa Catarina, o religioso trabalhou em outras cidades catarinenses, entre elas Florianópolis, a capital do estado, quando no dia 5 de março de 1957, Justino foi nomeado capelão na Paróquia São Luiz, que se localiza no bairro Agrônômica, antes de ser transferido para São José e realizar seu trabalho no bairro de Barreiros.

⁶ Este cálice pertence à coleção, mas ele foi retirado do local onde estava com as outras peças da coleção, e hoje se encontra guardado na casa paroquial, por motivos de segurança, dentro de um cofre.

⁷ Depois de ter trabalhado em Santa Catarina, o religioso foi transferido para Minas Gerais, mas sempre que podia, vinha visitar a comunidade de Barreiros, onde deixou saudades e amigos.

⁸ A confirmação deste fato aparece no livro que conta a história do religioso. Este livro é uma biografia do Padre Justino, foi escrito por Maurice Aben e seu pai, Hanz Aben.

Figura 3 - Miniatura em metal da parte frontal da Igreja Matriz de Barreiros feita com base no esboço feito por Oscar Niemeyer. Item da Coleção do Padre Justino.



Foto: Felipe José Pickscius. 2018.

O Padre foi transferido para São José, e sua posse como pároco na comunidade aconteceu no dia 11 de fevereiro de 1961. Foi enviado a Barreiros com a tarefa de criar uma comunidade católica no bairro e construir uma igreja que seria chamada de igreja Matriz. Anteriormente no bairro existiam apenas pequenas igrejas que não davam conta de suprir a demanda de receber os fiéis, surgiu então à necessidade de que fosse construída uma igreja maior, visto que a igreja mais próxima no bairro era a Igreja Nossa Senhora de Lourdes⁹, uma pequena igreja que fica de costas para a marginal da BR101 em São José, e de frente para a Rua Heriberto Hülse, rua esta que também é conhecida como “rua velha”, pois naquela rua antigamente passava o trajeto da BR 101.

O Padre Justino trabalhou na Paróquia dos Sagrados Corações por 25 anos e seu maior sonho era passar o resto da sua vida junto à comunidade dado o carinho que o mesmo tinha pela comunidade, o que de fato não aconteceu. Na noite de 23 de agosto de 1995, cerca de uma hora antes de embarcar de volta ao Brasil, no aeroporto de Amsterdã, voltando de uma das muitas viagens de férias que ele fez com o intuito de rever seus parentes e amigos, o religioso se sentiu mal e desmaiou. Depois de quatro semanas internado em Amsterdã, foi transferido para o Hospital Saint Bárbara, que fica na cidade de Schjindel, uma cidade localizada no sul da Holanda. O padre veio a falecer em 6 de novembro de 1995, vítima de um

⁹ Ver imagens e o mapa da localização em anexo.

acidente vascular cerebral (AVC) e ele foi enterrado no cemitério da Congregação dos Padres dos Sagrados Corações, que se localiza em Bavel.

O desejo do religioso de ser enterrado em Barreiros, só foi concretizado mais de dez anos depois de seu falecimento, quando surgiu a oportunidade em maio de 2008 e depois dos tramites burocráticos, seus restos mortais foram exumados em Bavel e transladados neste mesmo mês para o Brasil e novamente sepultados, em junho de 2008, porém desta vez em frente à igreja que ele ajudou a construir e considerava como sendo a sua igreja. Em março de 2018 foi inaugurado um busto do Padre Justino, no jardim na frente da igreja próximo à entrada, junto à lápide onde repousam seus restos mortais.

Figura 4 - Padre Alceoni Berkenbrok ao lado do busto e da lápide do Padre Justino no dia da inauguração do busto.



Foto: Jonas Duarte Silva. 2018.

No ano de 2007, a Igreja Matriz dos Sagrados Corações foi reformada, visto que o telhado corria o risco de desabar, as estruturas do telhado, todas em madeira, estavam comprometidas pela ação do tempo e pela infestação de insetos xilófagos¹⁰. Passado o processo de reconstrução do telhado, a igreja foi reinaugurada pelo pároco, na época, o Padre Francisco Guesser, antecessor de Padre Alceoni¹¹. Neste mesmo ano o Centro Catequético foi também reformado e recebeu o nome de Centro Pastoral Padre Justino, em homenagem ao religioso.

Figura 5 - Foto do Centro Catequético com a inscrição em homenagem ao Padre Justino.



Foto: Felipe José Pickscius. 2019.

A senhora Maria do Carmo, moradora do bairro e frequentadora da Paróquia dos Sagrados Corações, me concedeu uma breve entrevista¹², quando a conheci no Centro Pastoral Padre Justino, por intermédio do Padre Alceoni. Ela disse que conheceu pessoalmente o Padre Justino, desde quando ela tinha 10 anos de idade e que o padre frequentava a casa de seus pais. A Senhora Maria diz ainda que o Padre Justino fez muitas obras em prol da comunidade, ele ajudou muita gente, inclusive a arrumar emprego, inclusive ela mesma foi beneficiada com as ajudas que o religioso prestava

¹⁰ Insetos que se alimentam basicamente de celulose, dentre os mais conhecidos, o cupim.

¹¹ Imagens da igreja, antes e depois da reconstrução, em anexo.

¹² Ver entrevista na íntegra, no anexo.

a comunidade. Ela me disse que o Padre Justino tinha uma Lambreta¹³ que veio importada da Holanda para o Brasil e que ele usava essa motoneta para fazer visitas às pessoas doentes e também às famílias pobres da comunidade e bairros próximos.

Segundo Dona Maria do Carmo, o bairro de Barreiros e a comunidade na época não tinham nem posto de saúde, então o Padre Justino conseguiu médicos, dentistas, enfermeiros que atendiam de graça no Centro Comunitário, que hoje é chamado de Ação Social. Ele também incentivou a criação de cursos de capacitação profissional de datilografia, faxineira, entre outros. O religioso estava sempre envolvido em atividades e projetos em benefício da comunidade, principalmente as pessoas mais pobres, ele conseguiu muitas coisas que foram doadas as famílias mais necessitadas, inclusive roupas e alimentos não perecíveis.

Esses produtos que eram doações, segundo Dona Maria, vinham da Holanda, dos Estados Unidos e de outros lugares onde o padre tinha suas amizades e seus contatos. Dona Maria afirma que o bairro de Barreiros necessitava de praticamente tudo, foi o sacerdote que deu o pontapé inicial para o crescimento e a evolução do bairro. Além das obras acima mencionadas, o Padre Justino construiu um salão que era reservado para festas e eventos da igreja e que toda a comunidade participava. Uma dessas festas mais tradicionais na Paróquia dos Sagrados Corações é até hoje, a Festa da Farinha, que acontece todos os anos no mês de julho. No bairro antigamente existiam muitos engenhos de produção de farinha de mandioca, vem daí o nome de Festa da Farinha. Festa essa que hoje se denomina também de Festa dos Sagrados Corações, em homenagem aos padroeiros desta Paróquia. No terceiro capítulo falarei mais profundamente sobre ela.

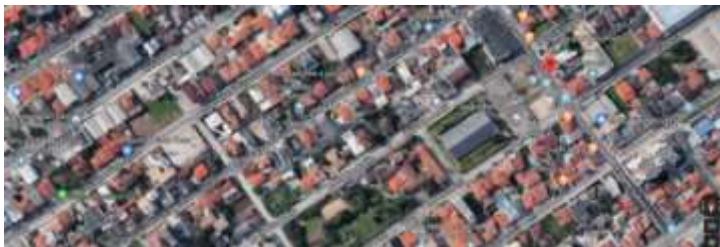
No início dos anos 1970 a Prefeitura do Município de São José, com base na lei municipal n° 761/1970 de 15/09/1970, n° art. 2° da lei¹⁴, nomeou a rua que passa em frente à Igreja Matriz de Barreiros, de Rua Padre Justino Cortjens em homenagem ao religioso, e a nomeação da rua permanece até hoje. Neste artigo está escrito: “Fica denominada Travessa Pe. Justino Cortjens, a transversal do loteamento Jardim Cidade de Florianópolis, de frente a Igreja Matriz de Barreiros”.

¹³ Uma moto de poucas cilindradas, semelhantes as Honda Biz de hoje. Esta informação também consta no livro.

¹⁴ Fonte:

<<http://www.legislador.com.br/LegisladorWEB.ASP?WCI=LeiTexto&ID=19&inEspecieLei=1&nrLei=761&aaLei=1970&dsVerbetes>>. Acesso em: 25/06/2019; 10h57.

Figura 6 - Mapa do Satélite onde aparece a Rua Padre Justino Corjstens.



Fonte: <GoogleMaps>. (Acesso em 04/04/2019 às 20h30)

O clérigo nos deixou uma coleção que eram seus objetos pessoais, uma coleção com cerca de 40 objetos, alguns objetos são de origem holandesa, outros de origem brasileira. Esta coleção compreende fotos suas, com a família, indumentária religiosa, objetos litúrgicos, arte sacra, canetas, relógio de pulso, carteira com um bilhete escrito a mão e também algumas placas e condecorações que ele recebeu por agradecimento ao trabalho que ele realizou nas cidades por onde passou, entre outros. É uma coleção bem diversificada, com muitos objetos e de diversos tipos de materiais, todavia cada objeto desta coleção conta uma história do padre, e só fazem realmente sentido quando estão reunidos e se relacionam através das características e das memórias do Padre Justino, enquanto dono original desses objetos. Hoje esta coleção encontra-se guardada na casa de Maurice Aben, sobrinho-neto do padre Justino, que também é holandês, mas naturalizou-se brasileiro e já faz alguns anos que mora em Barreiros.

Minha pesquisa pretende focar em apenas uma parte da coleção, dando recorte aos objetos que se relacionem mais com a religiosidade e com história da Paróquia dos Sagrados Corações. Confesso que foi para mim, uma emoção muito grande quando tive contato com os objetos que fazem parte desta coleção pela primeira vez, ao ver de perto aquelas fotos, poder tocar em alguns objetos e sentir a presença do padre Justino e imaginar as situações, como se eu pudesse a partir dessa sensação, mergulhar num passado que eu não vivi, mas que imagino como aconteceu, pelos relatos e pelas histórias que as pessoas mais idosas do bairro e que viveram essa época têm para contar.

Sobre o conceito de coleção e o poder que os objetos de uma coleção têm de nos provocar sensações e mexer com nossas memórias, o Museólogo e Professor Mario de Souza Chagas faz a seguinte afirmação:

Os objetos museais são inutensilios; são coisas, trens e trecos que perderam a serventia e a utilidade de origem e passaram a ter outra serventia, outra servidão até então não prevista. A condição de inutensílio, no entanto, não alija do

objeto a possibilidade de despertar ideias, emoções, sensações e intuições e muito menos a possibilidade de ser manipulado como um utensílio de narrativas nacionais, comemorativas e celebrativas de determinadas formas de poder. (CHAGAS, 2011, p.31).

Para o padre Justino, esses objetos poderiam até não serem considerados como uma coleção, afinal eram apenas objetos de uso cotidiano para ele, mas hoje vemos que estão reunidos como uma coleção, pois eles refletem as memórias de quem pertenceram e não servem apenas como suporte de memória, mas também como uma afirmação de identidade, e isso serve para todo e qualquer tipo de coleção.

O que seria de nós sem os objetos, sem as coleções? Desde os tempos mais remotos são registrados pela história que o ser humano se relaciona com objetos e depende das coisas para fazer quase tudo e isso vem desde a época dos homens pré-históricos, onde eles produziam seus próprios utensílios domésticos. E hoje essa relação continua ainda mais evidente, ainda mais com esses utensílios que usamos hoje, que estão cada vez mais tecnológicos, desde um aparelho celular até o automóvel. As coleções tem grande importância para o estudo da museologia, afinal o que seriam dos museus sem as coleções? Coleções de arte, antropologia, coleções históricas, que representam uma cultura, uma expressão artística, coleções que nos fazem dar um mergulho no passado ou nas culturas ali representadas.

Mas o que leva alguém a colecionar? Colecionar, uma prática que outrora era de exclusividade das elites e das famílias de posses e de poder, e hoje colecionar se tornou um hábito que perpassa todas as classes sociais. Sobre esse conceito de coleção, segundo Ancaes (2005), citado por Gabriela Bazan Pedrão e Eduardo Ismael Murguia (2013), “(...) colecionar é reviver o passado ou se projetar no futuro através de objetos ou suas representações”. Outra ideia que podemos ter sobre coleções é o fato de que é uma atividade que diversas vezes pode envolver muito tempo e dinheiro, conforme o tipo de coleção que esta se referindo. Uma coleção, ou o ato de colecionar objetos pode ser visto hoje como um hobby, um prazer, um sentimento de satisfação, em outros casos pode ser também um meio de fuga da realidade, na qual o colecionador a utiliza como válvula de escape, para aliviar as tensões e a correria da vida cotidiana. Isso tem a ver com a ideia de colecionismo.

Colecionismo, quer dizer agrupar objetos em uma coleção, uma prática feita de forma ordenada e que leva em consideração o gosto subjetivo do colecionador. Como dito anteriormente, uma prática muito

antiga e que vai muito além da demonstração de poder e riqueza, que o colecionador possui. Mas existem alguns casos de que colecionar pode também se tornar um problema, aí não são chamados de colecionadores e sim de acumuladores, e está relacionado com um problema psicológico chamado de TOC, Transtorno Obsessivo Compulsivo.

Para entendermos um pouco mais sobre o que é colecionismo, a professora e historiadora e estudiosa no campo da ciência da informação, Marlise Maria Geovanaz defende que: “o fato de possuir uma coleção confere prestígio a quem a possui, testemunha o gosto de quem a adquiriu, suas curiosidades intelectuais, sua riqueza, seu poder ou sua generosidade, ou todas essas particularidades juntas.” (GIOVANAZ, 1999). Assim, essa afirmação da Marlise Giovanaz sintetiza o que foi dito até agora sobre coleção e colecionismo bem como indica as características de um colecionador, independente do tipo de coleção que possua.

O que significa coleção? É amplamente conhecido que coleção é um agrupamento de objetos quaisquer. O Dicionário Aurélio, porém, define a coleção como sendo um “conjunto ou reunião de objetos de mesma natureza ou que tenham qualquer relação entre si”. (FERREIRA, 1988). No livro, Conceitos-chave em Museologia, os autores (DESVALLÉES, A; MAIRESSE, F. 2014, p.32), explicam o conceito de coleção de uma forma mais simples,

De modo geral, uma coleção pode ser definida como um conjunto de objetos materiais ou imateriais (obras, artefatos, mentefatos, espécimes, documentos arquivísticos, testemunhos, etc.) que um indivíduo, ou um estabelecimento, se responsabilizou por reunir, classificar, selecionar e conservar em um contexto seguro e que, com frequência, é comunicada a um público mais ou menos vasto, seja esta uma coleção pública ou privada.

Outra possível definição sobre o conceito de coleção seria este defendido Aciaes (2005), porém citado por Gabriela Bazan Pedrão e Eduardo Ismael Murguia (2013, p.397) que diz o seguinte:

A coleção é composta por objetos que tem um valor representativo, estético, fora de seu propósito original e que representam uma ideia ou sentimento. Cada peça dentro da coleção pode ter perdido seu valor monetário ou utilitário, mas foi acrescida de um valor sentimental e pessoal que apenas o dono da coleção pode lhe dar: valores que representam memórias, momentos específicos

da vida, lembranças de determinadas fazes ou viagens.

Segundo Pomian (1987), porém citado por DESVALLÉES, A. e MAIRESSE, F.(2013,p.70), no livro *Conceitos-Chave de Museologia*, no verbete de coleções, Pomian, um dos teóricos sobre este assunto, nos dá uma definição mais contundente e argumenta que a definição de coleção para ele é:

Todo conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporariamente ou definitivamente fora do circuito de atividades econômicas, submetido a uma proteção especial em um lugar fechado, mantido com este propósito, e exposto ao olhar.

A partir dessa afirmação, podemos entender que até mesmo aqueles nossos álbuns de fotografias de família, lembrancinhas de aniversários, casamentos, de festas de família que participamos e suvenires que compramos nas viagens que fazemos, são passíveis de se tornar objetos de coleção, visto que eles refletem nossas próprias memórias e nos fazem lembrar daqueles momentos que outrora vivenciamos.

Usando a definição de coleção defendida por Pomian e relacionando com a coleção de objetos pessoais do Padre Justino, podemos perceber que no caso desta coleção em especial, esses objetos foram retirados dos circuitos de uso, porém não foram expostos ao olhar e são poucas pessoas na comunidade dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria que sabem da existência desta coleção. Esses objetos ainda não foram expostos ao olhar e a apreciação da comunidade, justamente pelo fato de que ainda não foi providenciado um espaço para que esse acervo fosse exposto à comunidade¹⁵. Maurice Aben, sobrinho-neto do religioso, defende que o lugar ideal para expor esta coleção seria dentro da própria igreja que o Padre ajudou a construir sendo, portanto, parte da história da própria igreja e por ser também um local de fácil acesso aos membros da comunidade e pessoas que moram no bairro.

Sobre essa discussão sobre as coleções, o Professor da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e pesquisador na linha da cultura material, Ulpiano T. Bezerra de Menezes, defende que: “Não é, pois, força de expressão procurar entender a coleção como um ato autobiográfico” (MENEZES, 1998). Em outras palavras, ele disse que as coleções podem também ser entendidas como uma

¹⁵ No dia 11 de novembro de 2018, o atual pároco da comunidade dos Sagrados Corações, Padre Alceoni Berkenbrok, fez o lançamento oficial da biografia do Padre Justino e nesta festividade ele apresentou à comunidade os objetos que compõem esta coleção.

representação biográfica do colecionador. A coleção do religioso pode ser vista também como uma biografia do próprio colecionador, pois através desta coleção conseguimos entender um pouco mais sobre o mesmo. Em outras palavras, entendemos que de fato uma coleção não é apenas um agrupamento de objetos quaisquer, mas sim é algo que faz parte da vida da própria pessoa, sendo a representação da trajetória pessoal de quem construiu a coleção ao longo da vida. De modo que conseguimos perceber, que a coleção do clérigo é também vista como um legado que o religioso deixou para as gerações futuras.

Sobre essa ideia de coleção como um legado¹⁶, segundo Ribeiro (1998, p. 35), conforme citado por PEDRÃO, Gabriela Bazan e MURGUIA, Eduardo Ismael, (2013, p. 399), defende que: “A coleção se torna muito mais que o mero acúmulo, se torna o legado de uma vida, uma história que é constituída juntamente com a do próprio ser, é inseparável”. Com isso entendemos que uma coleção pode ser também pensada como forma de perpetuar uma história, uma memória e que esta memória que está enraizada nos objetos é indissociável das memórias de quem estes objetos um dia pertenceram. A coleção deixada pelo Padre Justino talvez não tenha sido criada com este proposito, afinal, talvez ele nem tenha imaginado que algum dia alguém se interessaria em estudar sobre ele e sobre a sua coleção. Mas, é indiscutível que esta coleção, está carregada de memórias, sentimentos e emoções, tanto para Maurice, por ser descendente do religioso, como para mim, com o que eu mesmo senti ao ter o primeiro contato com essa coleção e relatei anteriormente.

A coleção Padre Justino é uma coleção privada, mas o que difere das coleções públicas? Lendo o texto de Bezerra de Menezes, conseguimos entender que a separação das coleções privadas e das coleções públicas, na verdade é um processo, e sem contar que todas as grandes coleções públicas, citando como exemplo, as coleções de arte ou as coleções principescas, que hoje estão nos museus, um dia já foram coleções particulares, e foram uma demonstração de poder e riqueza das classes mais abastadas. Isso quer dizer que as coleções públicas de hoje, um dia já foram coleções privadas e a coleção do Padre Justino está passando por esse processo de tornar pública uma coleção que até então é privada. Sobre essa diferença que existe entre o patrimônio público e o privado, percebemos que privado é tudo que pertence a uma única pessoa, ou a um seletto grupo de pessoas. Em contrapartida, o patrimônio público é todo aquele que está ao alcance de todos, como alguns exemplos que citei ao longo do texto, falando das coleções que um dia foram privadas, mas hoje estão nos museus e abertas a visitação da população.

¹⁶ Essa discussão será aprofundada no terceiro capítulo.

As coleções, de um modo geral, estão relacionadas ao que entendemos como patrimônio. Patrimônio é um termo tão antigo quanto à própria civilização humana, e um termo que hoje é amplamente utilizado para definir muitas coisas, nos passa a ideia de posse, seja ele patrimônio material, imaterial, financeiro, de uma família, de uma empresa, de uma cultura. O que se entende por patrimônio, está ligado também à ideia de herança, aquilo que foi herdado. Patrimônio pode ser visto também como algo que pode ser de esfera pública ou privada. No caso das coleções, podem também serem vistas como o patrimônio de alguém, como é o caso da coleção deixada pelo Padre Justino. Ela é o patrimônio que um dia pertenceu a ele e hoje está aí para nos trazer essas memórias. A essas memórias, sensações que ela pode provocar no observador, são frutos da interatividade entre as nossas memórias e as memórias que esses objetos representam. Outro caráter que fica evidente em uma coleção, é esse caráter de interlocução que ela expressa através desse contato com o observador e o que está em pauta é a subjetividade existente entre a coleção e o colecionador. Uma coleção só se torna realmente portadora de memórias, quando em contato com quem a observa e consegue traçar esse diálogo e fazer com que o expectador consiga entender e sentir as memórias ali representadas.

A partir do que foi discutido sobre coleção até agora, podemos entender que as coleções são como objetos semióforos, ou seja, parafraseando o que está escrito no livro *Conceitos-chave de Museologia*, entende-se que objetos que perdem suas características como bens de utilidade, de valor de troca e passam a serem vistos como portadores de memória, de sentido, o que faz desses objetos, objetos semióforos. Sobre esse tipo de objeto, os autores (DESVALLÉES, A; MAIRESSE, F. 2014, p.34), fazem a seguinte constatação:

Pomian (1987) define, assim, a coleção por seu valor simbólico, na medida em que o objeto perde a sua utilidade ou o seu valor de troca para se tornar portador de sentido (“semióforo” ou portador de significado).

Neste capítulo discutimos sobre o conceito de coleção tendo como exemplo, o acervo do Padre Justino, relacionando com sua própria história e as memórias que esses objetos representam para a comunidade dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, falamos um pouco sobre memória, mas no próximo capítulo, trataremos sobre este conceito mais profundamente. No segundo capítulo, discutiremos sobre o conceito de memória e seus desdobramentos de caráter individual e coletivo, traçando um paralelo com o conceito de lembrança, mostrando que, apesar de

parecidos, não são sinônimos, falaremos um pouco sobre o conceito de representação, e também sobre a evocação da memória, a partir das coleções, buscando sempre relacionar essas discussões com a coleção que é o objeto de estudo desta pesquisa. Já no terceiro capítulo, aprofundarei um pouco mais na discussão sobre os conceitos de patrimônio, legado e herança. Conceitos que se conectam e que tem relação com o tema desta pesquisa.

CAPÍTULO II - A COLEÇÃO PADRE JUSTINO E SUA RELAÇÃO COM O CONCEITO DE MEMÓRIA.

No capítulo anterior, abordei o conceito de coleção, a prática do colecionismo e fiz algumas pontuações sobre o conceito de memória, tendo como suporte para a discussão, a coleção de objetos pessoais do Padre Justino. Igualmente, falei sobre patrimônio, legado e herança, essa discussão sobre o conceito de patrimônio, a ideia de coleção como legado e herança, deixarei para aprofundar no próximo capítulo. Neste capítulo discutirei mais profundamente sobre o conceito de memória e seus desdobramentos de caráter individual e coletivo. Para entender melhor sobre este conceito, temos alguns teóricos que podem nos ajudar Maurice Halbwachs e Michael Pollak são os principais referenciais neste respeito.

De onde surgiu o termo memória? O que ele significa? Isto se vai descobrir no desenrolar deste capítulo. O termo memória vem do grego e está relacionado à Mnemosine, a deusa da memória na mitologia grega. Mas o que seria o conceito de memória? Pode-se dizer que memória é um conceito que tem caráter amplo e interdisciplinar, e que perpassa diversas áreas do conhecimento, principalmente as ciências humanas, entre elas a história e a museologia, também algumas áreas das ciências da saúde, como a psicologia. Sobre o conceito de memória, (LARA, 2016, p.1), comenta que:

A memória pode ser entendida como a capacidade que o ser humano tem de conservar e relembrar experiências e informações relacionadas ao passado, sendo estas, partes do processo de integração de cada indivíduo com seu meio.

Nossas memórias podem ser evocadas por intermédio do contato com as coleções, como no caso da reação que eu mesmo tive, ao ter contato com a coleção dos objetos que foram deixados como legado pelo religioso. O que quer dizer evocar? Segundo o dicionário Aurélio, evocar quer dizer: “trazer à lembrança, à imaginação” (FERREIRA, 1988). Mas e o que os teóricos falam a esse respeito? Citando Violet Morin¹⁷, Ecléa Bosi faz a seguinte colocação sobre os objetos cujos possuidores incorporam a sua vida: “cada um desses objetos representa

¹⁷ Esta citação feita por Ecléa Bosi foi retirada do livro, “L’objet”, communications na página 13. De V. Morin, 1969.

uma experiência vivida” (BOSI, 1979). Ou seja, cada um daqueles objetos que compõem a coleção Padre Justino evocam as experiências e as memórias do religioso, enquanto dono original desses objetos.

Mas o que diferencia a memória social (ou coletiva¹⁸) da memória individual? A diferença entre ambas está no sentido de que o próprio nome delas sugere, a memória individual está relacionada com as memórias do indivíduo em si, de fatos que ele realmente presenciou e que ele tem para contar, como é o caso da Senhora Maria do Carmo, a moradora de Barreiros que entrevistei. O que ela me contou na entrevista, são fatos que viveu e que marcaram sua vida, fruto da convivência que teve com o Padre Justino, enquanto portadora dessas memórias. Sobre essa relação de dependência mútua entre a memória individual e a memória social que citei no início deste parágrafo, a psicóloga (BOSI, 1979, p. 54), faz a seguinte afirmação:

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.

Ainda nessa discussão sobre a relação de interdependência, entre essas duas categorias de memória, mais adiante em seu texto, (BOSI, 1979, p. 55), faz a seguinte constatação:

A menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória. Por essa via, Halbwachs amarra a memória da pessoa, a memória do grupo; e esta última a esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade.

Sobre o conceito de memória individual, o sociólogo francês e estudioso no campo da memória, Maurice Halbwachs (1990, p. 51), defende que a memória individual pode ser entendida como um ponto de vista particular sobre a memória coletiva do grupo do qual estamos inseridos. Ainda nesse mesmo texto, Halbwachs afirma que, “a memória é um fenômeno socialmente construído, por mais subjetiva que essa memória possa ser. Sobre esse caráter construtivo da memória, em outro texto, ele defende que a nossa memória não é uma reprodução das

¹⁸ Alguns teóricos do campo da memória utilizam o termo memória social, outros usam o termo memória coletiva, eu utilizarei o termo memória social.

experiências vividas no passado, mas uma construção feita no presente a partir dessas mesmas memórias”. (HALBWACHS, 2004)

Aprofundi-me sobre o conceito de memória social no decorrer deste capítulo, mas e a memória individual? Retomando o ponto do início do capítulo, a memória individual é a nossa memória pessoal que guardamos em nosso subconsciente. Essas memórias podem vir à tona, quando nos deparamos com nossas próprias coleções particulares, de objetos que ganhamos ou compramos em viagens e cada um deles traz consigo as memórias daquele dia ou daquele momento em especial em que o determinado objeto representa. Isto pode até ser percebido, também quando revemos os nossos antigos álbuns de fotos e que por meio daquelas fotografias rememoramos aqueles momentos que estão ali registrados.

Mas o que seriam os “quadros sociais da memória”? Referindo-se a essa ideia, um dos pontos amplamente debatidos por Maurice, a conservadora-restauradora e professora Isabel Halfen da Costa Torino (2013) afirma que, Halbwachs admite a existência de memória individual, mas que esta estaria associada a quadros sociais e que por sua vez, é também suporte de identidade cultural, sendo uma forma de demonstrar pertencimento a um determinado grupo. Sobre a memória como suporte de identidade cultural e sobre o seu caráter seletivo, (LARA, 2016, p.2), faz a seguinte afirmação:

Enquanto geradora de identidade, a memória pode ser vislumbrada como sendo participante de sua construção, uma vez que, a própria identidade de uma sociedade, realiza certas seleções da memória, e ainda, da forma as predisposições que vão conduzir o indivíduo a incorporar alguns aspectos particulares do passado.

O Professor Ulpiano Bezerra de Menezes, um estudioso brasileiro no campo da cultura material, defende que a memória, é fundamental na construção de uma identidade coletiva (MENESES, 1984). Além disso, é um fenômeno que está em constante transformação e tem caráter seletivo, a memória tem a capacidade de fazer a seleção do que pode ou não ser arquivado em nossas memórias e esta seletividade é fruto das relações pessoais existentes no grupo onde o portador dessas está inserido, ou seja, a memória individual, por mais subjetiva que seja sofre influencia da memória social, pois as relações

que o indivíduo faz com as pessoas que pertencem aos mesmos grupos condicionam a memória particular do sujeito.

Já a ideia de memória social, está relacionada às memórias que o indivíduo possui pelo que ele ouviu falar, sendo, portanto, fatos não necessariamente presenciados pelo indivíduo, mas os acontecimentos que foram vividos de forma indireta e que se fazem presentes na memória do bairro ou da comunidade onde o observador está inserido. Como é o caso da reação mencionada no capítulo anterior, que ao ter o primeiro contato com a coleção, essa atitude de se emocionar ao ver os objetos foi fruto das minhas memórias individuais que herdei, pelo fato de estar inserido neste contexto, onde as memórias do Padre Justino estão evidentes, até mesmo no nome de uma das mais importantes ruas do bairro. Memórias essas que foram evocadas no momento do primeiro contato com aquela coleção.

Figura 7: Placa com a nomeação da rua em homenagem ao Padre Justino



Foto: Felipe Jose Pickscius 2019.

Sobre essa discussão acerca do conceito de memória, o Sociólogo austríaco Michael Pollak (1992, p.2), defende que:

[...] a memória deve ser entendida também ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes.

Esta citação sintetiza o que eu venho dizendo sobre o conceito de memória, desde o começo deste capítulo, ou seja, que a memória é um

fenômeno construído de forma coletiva e extremamente seletivo e está em constante atualização.

Com relação aos quadros sociais de memória, defendido por Halbwachs, a autora (TORINO, 2013, p.6), destaca que:

Por mais que elas pareçam resultado de sentimentos, pensamentos e experiências exclusivamente pessoais, elas só podem existir a partir dos quadros sociais da memória, tendo como referencial as estruturas simbólicas e culturais do grupo.

A partir do que foi dito, até agora sobre o conceito de memória, conseguimos perceber que existe uma relação de interdependência entre a memória individual e a memória coletiva, ou seja, uma dependendo da outra. Isso quer dizer, que a memória social só existe a partir do momento que surgem diversos pontos de memória individual, e que esses pontos de memória individual se relacionem entre si, por intermédio de pontos de intersecção e de convergência entre elas. A memória individual, por mais pessoal e subjetiva que possa ser, é influenciada pelo contexto social e pelos grupos aos quais os indivíduos se relacionam.

Aqueles objetos que compõe a coleção são as representações materiais das memórias do religioso, as quais pertenceram e hoje se refletem na memória coletiva da comunidade como um todo. Essa coleção nos evoca nossas próprias memórias individuais, sobre o que se conhece coletivamente a respeito do Padre Justino. Conhecimento esse que é repassado pelas pessoas mais idosas do bairro, que tiveram contato com o Padre Justino e tem algo a contar como sua experiência, como foi o caso da senhora Maria do Carmo, moradora da comunidade mencionada anteriormente. Além de serem representações das memórias pessoais do Padre Justino, esta coleção também pode ser entendida como a representação da memória da comunidade Católica dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, visto que a história da comunidade esta relacionada com a própria história do religioso, dada a importância dele para a comunidade, por seu trabalho em prol da comunidade.

Sobre as coisas em prol da coletividade que o Padre Justino fazia, a maioria delas já foi mencionada no capítulo anterior. Mas como comentei anteriormente, as pessoas mais idosas do bairro e que viveram a época do Padre Justino na comunidade, tem algumas histórias para

contar. Uma dessas histórias, além das que foram relatadas por Dona Maria do Carmo, marcou a minha infância. Lembro-me de quando tinha em torno de 8 anos e uma vizinha já falecida, Dona Leondina Rosa, conhecida na comunidade como Dona Dina, ela contava que no bairro tinha uma rua que era chamada de Vila Palmira, visto que naquela rua em questão, existiam muitos prostíbulos e o Padre Justino, segundo ela, pegava a lambreta dele e ia nessas casas de prostituição, com o intuito de verificar a situação das mulheres que lá viviam postas à margem da sociedade, e o Padre Justino, como parte das obras de caridade da igreja em prol dos menos favorecidos, procurava lhes dar assistência.

Nessas visitas, o padre seguia levando mantimentos tanto para as mulheres, quanto para as suas respectivas crianças, que também recebiam fraldas quando se tratavam de bebês. Segundo Dona Maria Aparecida Rosa, filha de Dona Dina, essas casas de prostituição ficavam na rua que hoje é chamada de Rua Celio Veiga¹⁹, conhecida como “rua da zona”, em alusão aos prostíbulos que nela existiam. Segundo outra moradora da comunidade, Dona Olivia Brejer Pickscius, esta rua era também conhecida como “Rua do Pau do meio”, visto que na década de 1970, muito antes de ser pavimentada, os postes de iluminação pública ficavam no meio da rua, separando as faixas de trânsito dos carros que na época eram mais estreitas que as demais.

No capítulo anterior, comentei brevemente que o conceito de memória e o conceito de lembrança não são sinônimos, apesar de serem muito próximos, o que em algumas situações, induz a esse erro. Para demonstrar que apesar de serem próximos, mas não podem ser considerados sinônimos (BOSI, 1979. p. 55), faz a seguinte explicação:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, a nossa disposição no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com

¹⁹ No anexo I ver imagens da rua nos dias atuais.

ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de pontos de vista.

Acima comentei sobre o conceito de lembrança, usando ideias de Ecléa Bosí. Em outro artigo, escrito por Giuslane Francisca da Silva, mestranda em história pela Universidade Federal do Mato Grosso, a autora faz uma resenha-resumo do livro, *A memória coletiva*, e traz no texto o conceito de lembrança, porém com as ideias do sociólogo francês Maurice Halbwachs. Segundo a autora (SILVA, 2016, p. 251 *apud* HALBWACHS, 2013), para ele:

As lembranças, sobretudo, são representações que se baseiam mesmo que em partes, em testemunhos e deduções, reconstrução, especialmente nos seguintes aspectos: de um lado porque não é mera repetição dos fatos/eventos/vivências que se estabelecem no passado, mas acima de tudo, por ser responsável pelo resgate desses acontecimentos, que se dão a partir de interesses e preocupações atuais, por outro lado, se diferenciam da série de acontecimentos que podem ser facilmente localizados em um determinado tempo, definidos mediante um conjunto de relações sociais. Nesse processo, os grupos sociais, possuem um papel essencial para atualização e complementação das lembranças individuais mediante o confronto de testemunhos entre seus membros.

Nesse mesmo artigo, a autora faz um resumo sobre as ideias acima colocadas, acerca do conceito de lembrança (SILVA, 2016 p. 248), diz:

A lembrança necessita de uma comunidade afetiva, cuja construção se dá mediante o convívio social que os indivíduos estabelecem com outras pessoas ou grupos sociais, a lembrança individual é então baseada nas lembranças dos grupos nos quais esses indivíduos estiveram inseridos.

Concluimos este capítulo fazendo uma breve abordagem sobre o conceito de lembrança, mostrando que apesar de ser parecido com o conceito de memória, não são iguais, ou seja, apesar da semelhança

entre ambos, esses dois conceitos não são sinônimos. No próximo capítulo, abordaremos a Coleção Padre Justino sob a ótica do conceito de patrimônio, mostrando também a visão dos conceitos de legado e herança sobre esta coleção, que é o objeto de estudo desta pesquisa.

CAPÍTULO III - A COLEÇÃO PADRE JUSTINO SOB A ÓTICA DOS CONCEITOS DE PATRIMÔNIO, LEGADO E HERANÇA.

No início desta pesquisa, no primeiro capítulo, falei um pouco sobre mim enquanto pesquisador, falei brevemente sobre o bairro de Barreiros e a comunidade católica dos Sagrados Corações, contei os fatos mais importantes sobre a vida do Padre Justino, falei como cheguei à escolha do tema desta pesquisa. Na sequência, abordei o conceito de coleção, relacionando com a coleção Padre Justino. O conceito de memória e seus desdobramentos de caráter individual e coletivo foram abordados no segundo, buscando sempre estabelecer correlações com a coleção e a memória do Padre Justino, que são os objetos de estudo desta pesquisa. Neste presente capítulo, abordarei a coleção Padre Justino sobre o olhar do conceito de patrimônio, mostrando que também pode ser entendida como legado e herança.

Ao final do primeiro capítulo, comentei brevemente sobre a dimensão patrimonial que uma coleção pode ter, sendo vista como legado, o patrimônio pessoal, como é o caso da coleção de objetos pessoais do Padre Justino, uma coleção que foi deixada como legado pelo religioso para a comunidade e para as gerações futuras, para que o mesmo não fosse esquecido, mesmo depois de sua morte. Esse termo, legado, será discutido posteriormente no decorrer deste capítulo.

Falamos na palavra patrimônio, mas qual o conceito de patrimônio e o que ele significa? Quando pensamos em patrimônio, de uma forma mais simples, lembramo-nos de sua relação com a ideia de herança, de modo geral, sendo visto como coisas que foram herdadas ou que pertencem a alguém ou algumas pessoas. Alguns desses exemplos de patrimônio seria o patrimônio genético, financeiro de uma família ou de uma empresa ou também que representam uma cultura, um país, como o patrimônio histórico, cultural, entre outros. No dicionário Aurélio, (FERREIRA, 1988, p. 488), o termo patrimônio, aparece da seguinte forma:

Herança paterna, bens de família, dote dos ordinários, riqueza, complexo de bens materiais ou não, direitos, ações, posses, e tudo mais que pertença a uma pessoa ou empresa, e seja suscetível de apreciação econômica.

O dicionário nos dá uma definição, mais direta e simplificada sobre o conceito de patrimônio. Mas o que os teóricos que estudam o patrimônio falam sobre esse conceito? Vera Regina Luz Grecco, pesquisadora em museologia, diz: “o patrimônio é constituído por bens passíveis de serem transmitidos aos herdeiros e, num sentido mais amplo, é tudo o que nos cerca, que nós reivindicamos como nosso” (GRECCO, 2003). Por sua vez, o livro *Conceitos-chave em Museologia*, no verbete patrimônio, os autores (DESVALLÉES, A; MAIRESSE, F. 2014, p. 73) falam brevemente sobre o significado do termo na história, e aparece da seguinte forma:

A noção de patrimônio designava, no direito romano, o conjunto de bens reunidos pela sucessão: bens que descendem, segundo as leis, dos pais e mães aos seus filhos ou bens de família, assim definidos em oposição aos bens adquiridos.

Ainda sobre a discussão a cerca do conceito de patrimônio, a bibliotecária (DODEBEI, Vera; HENRIQUES, Rosali. 2011. p.1) e a mestre em Museologia Henriques dizem o seguinte:

O patrimônio cultural é o resultado da capacidade de criar e refletir, é o processo de criação de cultura e transformação da realidade. É toda produção social das pessoas, inclusive a relação delas com o meio ambiente e envolve diversidade cultural.

Já que estamos discutindo sobre o conceito de patrimônio sobre diversos aspectos, o que a constituição brasileira diz sobre esse assunto? Segundo a Constituição Federal, no capítulo 3, seção 2 da cultura, temos o artigo 216²⁰ (BRASIL, 1988, art. 216), que determina que podem ser, considerados como patrimônio cultural:

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem todas as formas de expressão; os modos de criar, as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras,

²⁰ Fonte:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm> (Acesso em: 07/09/2018 17h35)

objetos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; além de conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

O patrimônio cultural pode ser compreendido de várias formas, sendo as mais conhecidas o patrimônio cultural de caráter material e imaterial ou também chamado de intangível. Essa pesquisa tratará da dimensão cultural do patrimônio, destacando os aspectos dessas duas correntes, dando ênfase ao patrimônio material, lembrando que essas duas categorias de patrimônio estão em constante contato, sendo, portanto, uma dependente e inseparável da outra. O patrimônio material, de um modo mais simples e direto, é tudo aquilo que podemos tocar e ver. Segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), (BRASIL, 2006, on-line)²¹, patrimônio material é:

Composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza, conforme os quatro livros do tomo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas.

O patrimônio material é conhecido por duas categorias diferentes, o patrimônio material móvel e imóvel. No grupo do patrimônio móvel estão as coleções museológicas, os documentos, os arquivos entre outros. Na categoria dos patrimônios imóveis encontram-se os monumentos históricos, os núcleos urbanos, as cidades e centros históricos, os sítios arqueológicos, entre outros. Alguns exemplos de patrimônios materiais imóveis, temos cidades históricas. Em sua maioria cidades e patrimônios tombados, muitos deles considerados como patrimônios históricos, artísticos e culturais, não apenas reconhecidos dentro da nação, mas também reconhecidos por organizações internacionais como a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

O patrimônio imaterial, segundo (BRASIL, 2006, on-line), está relacionado com:

Aquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares

²¹ Fonte: < <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/276> >. (Acesso em: 01/06/2019, às 18:05 h).

(como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas)²².

Em outras palavras, as práticas culturais, religiosas, as feiras e tudo que de alguma forma envolva uma cultura, uma coletividade, é visto como patrimônio cultural de caráter imaterial. Alguns exemplos dessas manifestações culturais têm o Carnaval, a Festa do Divino Espírito Santo, a capoeira, a festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, entre outros. No livro *Conceitos chave em Museologia*, os autores (DESVALLÉES, A; MAIRESSE, F., 2014. P. 75 apud UNESCO, 2003) definem o conceito de patrimônio imaterial, no verbete sobre patrimônio e diz o seguinte:

Entende-se por patrimônio cultural imaterial as práticas, representações, expressões, conhecimentos e saber-fazer – assim como os instrumentos, objetos, artefatos e espaços culturais, que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como fazendo parte de seu patrimônio cultural. Esse patrimônio cultural imaterial transmitido de geração em geração, é recriado permanentemente pelas comunidades e grupos em função de seu meio, de sua interação com a natureza e de sua história, e lhes confere um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e a criatividade humana.

Esta citação direta que apresentei acima sintetiza de forma mais correta o que venho explicando sobre o conceito de patrimônio imaterial.

No bairro de Barreiros, como foi comentado no primeiro capítulo, temos a Festa da Farinha, ou também chamada de Festa dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria, em homenagem aos padroeiros da paróquia. Festividade esta, que é um bem imaterial, que até hoje acontece todos os anos no mês de junho, aguardada durante o ano todo e que mobiliza a população local, se não todos, mas uma boa parcela dos habitantes da comunidade dos Sagrados Corações, participam da festividade ajudando nos preparativos da festa, na organização dos almoços festivos, dos jantares dançantes, nas apresentações culturais

²² Fonte: < <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234> >. (Acesso em: 01/06/2019, às 18h07).

geralmente sobre folclore e cultura açoriana. Apresentações essas, que são feitas pelas crianças da creche da Ação Social de Barreiros. Sem contar também, as pessoas que participam da festividade, comprando ingressos para esses almoços e jantares festivos e que, durante esses momentos, compram rifas de sorteios de bolos, e frangos recheados, entre outros.

Eu, enquanto morador do bairro de Barreiros, e pertencente à comunidade católica dos Sagrados Corações, lembro-me de que quando era criança e na minha adolescência, na década de 1990 e começo dos anos 2000, a Festa da Farinha era o momento mais esperado pela comunidade. Naquela época, era uma festa que agradava a todas as idades. Havia parque de diversões que durante a festa ficava instalado onde hoje é a praça em frente à igreja²³, e também shows de bandas de música locais ao ar livre, além de uma feira de rua com barraquinhas de rua onde se podia comprar quase de tudo, desde bebidas e comidas típicas, até chaveiros e outros tipos de suvenires, dada a grandiosidade da festa como era na década de 1990 e no início dos anos 2000. Naquela época, era alterado o trajeto das ruas do entorno à igreja, elas eram trancadas a circulação dos veículos e liberadas a livre circulação de pessoas durante os dias de duração da festa. Uma festa que durava cerca de uma semana. Infelizmente, depois de algumas tragédias²⁴ que aconteceram em algumas das edições da Festa da Farinha, a festividade hoje se limitou a apenas celebrações religiosas na Igreja Matriz e

²³ Ver imagem no anexo 1.

²⁴ Segundo informações que me foram passadas via mensagens de áudio no whatsapp por Jonas Duarte Silva, um dos organizadores e idealizadores da festa, desde a primeira edição. Em todas as edições da festa eventualmente tinham algumas pequenas confusões, e a cada edição da festa, os organizadores procuravam aumentar a segurança, porém, na última edição da festa, houve tentativas de assassinatos, visto que os membros de gangues rivais marcavam de fazer seus acertos de contas nesses shows ao ar livre e arrumavam brigas e sempre acabava com pessoas feridas, fora das dependências da festa. Segundo ele, de fato houve brigas e até pessoas feridas por armas brancas (facas) e por disparos de armas de fogo, nesses encontros de gangues rivais. Segundo Jonas, na época foram registrados boletins de ocorrências (B.O.), mas que não é mais possível encontrar esses registros. Ainda segundo ele, no Jornal de Barreiros, jornal municipal, que encerrou suas atividades agora neste ano de 2019 é possível encontrar edições com o antes e o depois da festa, com todas as programações que tinham na época. O autor do relato me deu permissão para utilizar essas informações que me foram passadas via recurso de áudio.

almoços e jantares festivos que são realizados no Salão Paroquial e a duração da festa se reduziu a um final de semana.

A Festa da Farinha como sendo um bem cultural de caráter imaterial²⁵ da comunidade dos Sagrados Corações e do Bairro de Barreiros, apesar da redução da duração, não perdeu sua importância e eu, como membro da comunidade, tenho o dever de, juntamente com a população, ajudar a manter a chama acesa dessa festividade, deste bem imaterial da comunidade dos Sagrados Corações, que anos atrás foi tão grandiosa e que por causa da violência, teve de reduzir a sua duração e o seu cronograma de atividades. O que foi narrado no parágrafo anterior é fruto das minhas próprias memórias individuais, sendo momentos que vivi, conjuntamente com a comunidade, isso se relaciona com os conceitos de memória individual e memória social, que foram trabalhados no capítulo anterior. Retomando brevemente o conceito de memória abordado no capítulo anterior, parafraseando o que os teóricos sobre esse tema dizem, (HALBWACHS, 2013), (BOSI, 1979) e (POLLAK, 1992), memórias individuais são as memórias pessoais, memórias de fatos que este presenciou. Já a memória social, são as memórias que o indivíduo possui, mas que estão relacionadas com as coletividades com o qual o indivíduo se relaciona e que vai condicionando e modelando a memória particular do sujeito.

Sobre essa breve afirmação, segundo SILVA (2016, p. 248 apud Halbwachs 2013, p. 30),

O indivíduo que lembra está inserido na sociedade na qual sempre possui um ou mais grupos de referência, a memória é então sempre construída em grupo, sendo que “cada memória individual é um ponto sobre a memória coletiva”, como se pode ver, o trabalho do sujeito no processo de rememoração não é descartado, visto que as “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”. Isso acontece porque jamais estamos sós.

E onde se relaciona a coleção de objetos pessoais do Padre Justino com essa ideia de patrimônio em questão? Percebemos que esta coleção são objetos, que fizeram parte de sua vida, sendo, portanto, patrimônio do religioso e que mesmo depois de sua morte, esta coleção

²⁵ Ainda não foi realizado o seu tombamento, mas o pároco Padre Alceoni Berkenbrok, afirma ter o desejo de dar início às tratativas para esse processo.

está aí para nos fazer recordar, o que o próprio religioso representa para a coletividade e para a própria historiografia. Como já dito no primeiro capítulo, quem hoje guarda a coleção de objetos do Padre Justino é o seu sobrinho-neto, Maurice Aben, que até a conclusão desta pesquisa mantém sob sua responsabilidade, esses objetos até que os mesmos possam ser expostos à comunidade. Sendo assim, percebemos que esta coleção, por ser parte da história da própria comunidade católica dos Sagrados Corações, não pertence apenas à família do padre, mas também é patrimônio coletivo da comunidade, ou seja, não só a família do religioso, mas todos os membros da comunidade tem o dever de zelar por esse patrimônio, visto que esta coleção representa as memórias de uma personalidade que foi de fundamental importância para uma coletividade, para um bairro inteiro, que se desenvolveu a partir das melhorias na comunidade, que foram feitas e idealizadas por ele.

Algumas vezes no decorrer desta pesquisa, falei no conceito legado, mas o que significa? Legado nos dá a mesma ideia da palavra patrimônio, o que diferencia essas palavras é o fato de que geralmente o que se entende por legado, é aquilo que foi passado para as mãos de outra pessoa, geralmente algum membro da família, que recebe a tutela desses bens, se relacionando com a ideia de herança. Sobre esse conceito, conseguimos entender melhor com o que diz no dicionário Aurélio. Neste dicionário, legado aparece como sendo: “valor previamente determinado ou objeto previamente individuado, que alguém deixa a outrem por meio de testamento. Aquilo que alguém transmite a outrem, que uma geração, escola literária, etc., transmitem a posteridade” (FERREIRA, 1988. p. 389).

A Coleção Padre Justino, além de ser constituída de objetos que pertenceram ao religioso, pode ser vista como o legado por ele deixado à comunidade católica dos Sagrados Corações e também a herança deixada por ele aos seus familiares, sem se esquecer dos trabalhos realizados em prol da coletividade, os quais já foram citados anteriormente. Portanto, cabe a discussão desses três conceitos que se inter-relacionam: patrimônio, legado e herança.

Falamos sobre a relação existente entre legado e herança, como sendo correlacionados entre si. Segundo o dicionário Aurélio, herança quer dizer: “aquilo que se herda; aquilo que se transmite por hereditariedade”. (FERREIRA, 1988). Ainda segundo este mesmo dicionário, no verbete herança, aparece que juridicamente, herança significa “Bem, direito ou obrigação transmitidos por via de sucessão ou por disposição testamentária, aquilo que se recebeu dos pais, das gerações anteriores, da tradição”. De acordo com o dicionário Aurélio,

herança e legado são dois termos que são considerados como sinônimos. Em outras palavras legado, é quando um bem ou vários bens são deixados aos cuidados de outra pessoa por via de testamento, esses bens podem ser de valor ou não, assim como também, não necessariamente o recebedor desse legado precisa ser da família.

Invocando a pesquisadora Luciana Quilet Heymann, Sara Nunes em sua dissertação de mestrado²⁶ “refere-se a “legado” como um investimento social por meio do qual uma determinada memória individual é tomada exemplar ou fundadora de um projeto político, social, ideológico, etc.” (NUNES, 2017, p. 22 apud HEYMANN, 2005, p. 1).

No livro *Conceitos-Chave de Museologia* de acordo com (DESVALLÉES, A; MAIRESSE, F. 2014, p. 75), explicam no verbete sobre patrimônio, a relação entre o conceito de patrimônio e o conceito de herança e dizem que a diferença entre esses dois conceitos é:

O conceito de patrimônio se distingue do de herança na medida em que os dois termos repousam sobre temporalidades sensivelmente diferentes: enquanto a herança se define logo após uma morte ou ao momento da transmissão intergeracional, o patrimônio designa ao conjunto de bens herdados dos ascendentes ou reunidos e conservados para serem transmitidos aos descendentes.

No fragmento acima o autor faz uma discussão sobre a relação existente entre os conceitos de patrimônio e herança, mostrando a diferença entre esses dois conceitos. Estamos analisando o conceito de patrimônio sobre vários aspectos. O patrimônio cultural é um bem de caráter público, independente de ser particular ou não, ser material ou imaterial, por esse motivo, todos nós devemos assegurar a preservação desse patrimônio, para evitar que essa memória seja esquecida. Sobre essa importância de preservar o patrimônio, no livro *Conceitos-Chave de Museologia* há a seguinte afirmação: “o patrimônio é um bem público cuja preservação deve ser assegurada pelas coletividades, quando não é feita por particulares.” (DESVALLÉES, A; MAIRESSE, F. 2014). O foco dessa pesquisa é a coleção de objetos pessoais do Padre Justino, sendo o patrimônio do religioso, o legado que ele deixou para a comunidade e que agora a coletividade precisa preservar esse patrimônio, e as

²⁶ A constituição de um legado: o continente das Lagens, de Licurgo Costa. Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

memórias que ali estão representadas, para que no futuro essa coleção, assim como as obras idealizadas e realizadas por ele, continue cumprindo o papel de lembrar a importância desse sacerdote que criou a paróquia dos Sagrados Corações, e que por longos anos foi o pároco, um padre que fez muitas obras em prol da coletividade, um bairro que era necessitado de praticamente tudo, como foi dito anteriormente no primeiro capítulo.

Anteriormente, falei sobre a relação entre os conceitos de patrimônio e herança, a partir do livro Conceitos-chave de Museologia. A palavra herança vem do latim *herentia* e simboliza um conjunto de bens, direitos e obrigações que são repassados aos herdeiros ou legatários pela sucessão, depois do falecimento do dono original dessa herança, ou desse legado. Biologicamente, herança está relacionada aos caracteres fenotípicos e de DNA que os seres vivos recebem das gerações anteriores. Em poucas palavras, herança é o mesmo que legado.

Em artigo escrito por (SILVEIRA; DIAS; LIMA; SOUSA; 2018, on-line), estudantes do curso de Direito da Universidade Estadual de Montes Claros, ainda falando sobre essa relação entre os conceitos de legado e herança existe a seguinte explicação:

Tem-se por legado uma deixa testamentária dentro do acervo transmitido pelo de cujus, tendo como exemplo determinado automóvel, imóvel específico, referida joia etc. Assemelha-se com a doação, no entanto, esta advém de um ato bilateral e ocorre entre vivos, e aquele só produz efeitos com o evento morte.

Ainda nesse mesmo artigo no parágrafo anterior, sobre o conceito de herança, as autoras (SILVEIRA; DIAS; LIMA; SOUSA; 2018, on-line) afirmam que,

Herança compreende a sucessão legal ou testamentária, do patrimônio do de cujus, incidindo na totalidade ou numa quota parte deles, sucedendo, os herdeiros, em seus direitos, obrigações e até mesmo em seus débitos, desde que não sejam superiores as forças da herança.

Pelo que foi dito até agora, tendo por base os conceitos de patrimônio, legado e herança considerados neste capítulo, vemos que a Coleção Padre Justino se insere nesse debate, pois é muito mais que uma

reunião qualquer de objetos, mas as representações materiais da vida de um religioso que deixou a sua coleção de objetos religiosos como legado e herança, a cargo de seus familiares e da comunidade dos Sagrados Corações, em Barreiros.

4 APROXIMAÇÕES CONCLUSIVAS

A ideia inicial no desenvolvimento desta pesquisa foi o interesse de explorar e divulgar o trabalho de uma vida de dedicações do Padre Justino para uma comunidade. Através de suas memórias materializadas com documentos e uma coleção particular. Procurando traçar diálogos entre os conceitos de coleção e memória, partindo sempre do pressuposto de que, para a museologia, os objetos são portadores de memórias e que precisam do contato com o observador para traçar esse diálogo e evocar as memórias e mexer com as emoções de quem os observa, como se deu comigo ao ter o contato com a coleção do Padre Justino pela primeira vez. Porém, no decorrer da pesquisa foram aparecendo outros conceitos que, de certa maneira, dialogavam com a coleção que, por sua vez, se configura tema central desta pesquisa. Esses conceitos são patrimônio, legado e herança.

A coleção Padre Justino é composta por objetos que pertenceram a um religioso e não necessariamente foi criada pelo sacerdote com propósito de ser uma coleção, visto que o Padre Justino não teria previsto que algum dia alguém se interessaria em estudar sobre ele, suas obras e sobre sua memória. Uma coleção, que é muito mais que um mero agrupamento de objetos, mas as representações materiais das memórias de um sacerdote que fez de tudo o quanto foi possível para melhorar a vida da comunidade, que até então, necessitava muitas coisas para o seu desenvolvimento, desde cuidados básicos de saúde, empregos, entre outras melhorias.

A coleção Padre Justino está relacionada com os conceitos de coleção, memória, patrimônio, legado e herança, uma vez que os objetos reunidos representam as memórias de um religioso que foi fundamental no desenvolvimento inicial de um bairro e uma comunidade que precisava de um espaço para atendimento básico de saúde, uma área de lazer, uma igreja que foi idealizada e construída com a proposta de cumprir o papel de igreja matriz, visto que a igreja mais próxima no bairro não era suficiente para atender a demanda dos fiéis que a frequentavam.

Essa coleção foi deixada como legado de sua passagem na região, assim como a própria Igreja Matriz dos Sagrados Corações, a Creche da Ação Social e o Centro Catequético que hoje recebe o nome de Centro de Pastoral Padre Justino, em homenagem ao religioso e a Casa Paroquial que - com exceção da igreja matriz - funcionam no mesmo lugar, um espaço multifuncional, que engloba todas suas respectivas atividades. Sem esquecer-se, do Salão Paroquial, que na época, também

foi projeto dele, mas, como falei anteriormente, a igreja passou a administração do salão para uma empresa privada, visto que o orçamento do qual a igreja dispunha, não era suficiente para dar conta da demanda que tinha, precisou então, abrir mão do espaço.

Dada a importância do Padre Justino para a comunidade local e em reconhecimento aos feitos deste na região, a prefeitura de São José fez uma homenagem póstuma batizando a rua que passa em frente à igreja matriz com o seu nome, na década de 1970, na gestão do então prefeito do município, Cândido Amaro Damásio²⁷.

As pessoas mais idosas do bairro de Barreiros, que ainda estão vivas, e viveram esse período da história do município de São José, se identificam e pelas suas memórias daquela época, começam a contar histórias sobre ele, sobre fatos que elas presenciaram e que marcaram as suas vidas, quando falo que estou realizando minha pesquisa sobre a memória e a coleção do religioso. Alguns se lembram com saudades, como é o caso da Dona Maria do Carmo, com as histórias que a mesma me contou em entrevista e que estará na íntegra no Anexo I.

Agora a comunidade já tem o conhecimento da existência desta coleção, visto que já foi apresentada a população local, em uma solenidade feita durante um almoço festivo, em comemoração a memória dos precursores da paróquia, que foi realizado em novembro de 2018, como havia comentado anteriormente. Não só a referida coleção, mas também a própria Igreja Matriz dos Sagrados Corações e o Centro Pastoral Padre Justino são passíveis de musealização e patrimonialização, visto que são obras que foram idealizadas por ele e construídas durante a sua gestão como pároco na comunidade, isso implica que, além da Coleção Padre Justino, essas obras acima mencionadas, também refletem a sua memória, fazendo com que precisem ser preservadas, para garantir, por muito tempo ainda, que sejam vistas como portadoras das memórias do religioso que por muitos anos se dedicou a comunidade. Cabe à comunidade se interessar e, junto à igreja, procurar meios de realizar esses processos de tombamento, para preservar essa memória, que essa coleção e esses monumentos representam.

É sabido que o atual pároco, Padre Alceoni Berkenbrok, tem o desejo de construir um espaço para preservar a memória do bairro de Barreiros, bem como a memória e a coleção de objetos do Padre Justino. Já foi dado o pontapé inicial das negociações, junto à prefeitura do

²⁷ Fonte: <<https://www.saojose.sc.gov.br/index.php/sao-jose/prefeitos/P8>>. Acesso em: 25/06/2019 às 18h38.

município, para conseguir subsídios para tornar essa ideia uma realidade. Inclusive, eu mesmo participei de alguns desses encontros, com a Secretaria de Cultura da Prefeitura do Município de São José, juntamente com o Padre Alceoni e também o senhor Jonas Duarte Silva, membro atuante na comunidade católica dos Sagrados Corações.

A museologia é a ciência que estuda os museus sobre vários aspectos, entre eles, como um espaço que preserva a cultura, a história, a memória, que serve também como fonte educacional não formal, que complementa com os seus acervos, o que muitas vezes se aprende na escola. Nesse espaço que o padre Alceoni pretende criar na comunidade, tem a finalidade de preservar essas memórias da comunidade dos Sagrados Corações e do bairro de Barreiros, levando mais a diante, para as pessoas que moram no bairro e não tem o conhecimento de toda essa história e memória.

Cabe ao profissional museólogo, estar junto nesse processo de criação desse memorial, sendo membro participante e atuante em todas as etapas do mesmo, participando das reuniões junto à prefeitura, realizando uma mediação entre a igreja e a prefeitura. Fazendo a coleta e a seleção do acervo do memorial, catalogando as peças, entre outras atividades que lhe forem necessárias.

Como se pode perceber, a Coleção Padre Justino tem relação direta com a minha pesquisa. Em todos os momentos, procurei traçar relações entre os conceitos aqui debatidos e a coleção que é formada pelos objetos pessoais do religioso. Visto que é muito mais que um grupo de objetos, mas as representações materiais da memória, da história e da vida de um religioso, que por um longo período dedicou-se a uma comunidade e nela deixou saudades e amigos.

Concluo, dizendo o quão gratificante foi, fazer essa pesquisa. Buscar informações, ler, entrevistar pessoas que viveram a época do Padre Justino. Em virtude desta pesquisa, descobri muito mais sobre este religioso que foi tão importante para comunidade, além das que eu já sabia. De fato, é importante a preservação dessa história, dessa memória, que tem, ainda hoje, impacto sobre a realidade da comunidade dos Sagrados Corações, realidade esta, da qual eu também faço parte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Queroz, 1979.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988*. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 01. Jun. 2019.

CHAGAS, Mário de Souza. **Museu, Literatura e emoção de lidar**. In: Ensaio de Museologia. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Estudos Avançados de Museologia, 2011, p.146.

DESVALLÉES, A; MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de museologia**. FCC edições: Editora, 2013,p.101.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Escolar da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, 1988,Ed. Nova Fronteira,p.390.

GIOVANAZ, Marlise Maria. Práticas de coleção: seleção e classificação dos restos do passado. **rev. Do Programa de Pós Graduação em História**, Porto Alegre,v.7, n°.11, julho de 1999. Disponível em:< <https://doi.org/10.22456/1983-201X.6547>> Acesso em: 7.maio.2019.

GONÇALVES, José Reginaldo. **Patrimônio como categoria de pensamento**. Disponível em:< www.brapci.inf.br/index.php/res/download/86014>. Acesso em: 7.maio.2019.

GRECCO, Vera Regina Luz. **Colecionismo: o desejo de guardar**. In: Jornal do MARGS. n°. 83. Porto Alegre, junho de 2003. Disponível em:< <http://www.escriitoriodolivro.com.br/historias/colecionismo.php>>. Acesso em: 10.maio.2019.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Caracas, Anthropos Editorial, 2004, p.345.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HENRIQUES, Rosali. DODEBEI, Vera. **Os museus e os novos patrimônios**. In: Anais do XXVI Simposio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho de 2011. Disponível em: <www.snh2011.anpuh.org/.../anais/.../1308051879_ARQUIVO_anpuh_rosali_vera_re..>. Acesso em: 30.abr.2019.

KESSEL, Zilda. **Memória e memória coletiva**. Brasil, 200_. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/escol.ultimo_acesso_em:18/09/2018>. Acesso em: 10.abr.2019.

LARA, Camila de Brito Quadros. **A importância da memória para a construção da identidade: o caso da Igreja Nossa Senhora Imaculada Conceição de Dourados/MS**. In: XIII Encontro Regional de História. História e Democracia: possibilidades do saber histórico. 2017. Disponível em: <<https://www.ppghufgd.com/wp.../DISSERTAÇÃO-FINAL-REVISADO-PÓS-BANCA.pd..>>. Acesso em: 15.abr.2019.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. **Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no espaço público**. Disponível em: <<https://bdpi.usp.br/item/000982130>>. Acesso em: 20.abr.2019.

NUNES, Sara. **A constituição de um legado: O continente das Lagens, de Licurgo Costa**. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/180249>>. Acesso em: 23.abr.2019.

PEDRÃO, Gabriela Bazan, MURGUIA, Eduardo Ismael. **Formatação das Bibliotecas: uma abordagem desde a perspectiva do colecionismo**. In: rev. da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicações da UFRGS. v. 19. n.2 Jul/Dez 2013. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/36306>>. Acesso em: 26.abr.2019.

POLLAK, Michael. **Memoria e Identidade Social**. In: Estudos Históricos, 1992. p.200- 215.

SILVA, Giuslane Francisca da. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. In: rev. do corpo discente do PPG-História da UFRGS. Aedos, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p.247-253, Ago/2017. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/50076956-Halbwachs-maurice-a-memoria->

[coletiva-traducao-de-beatriz-sidou-2a-ed-sao-paulo-centauro-2013.html](#)>. Acesso em: 01.mai.2019.

SILVEIRA, Mariana; DIAS, Mariana Silva; LIMA, Samyra Xavier Versiani; SOUSA, Paula Porto. **Dos Legados**. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/64345/dos-legados/2>>. Acesso em: 10. jun.2019.

TORINO, Isabel Halfen da Costa. **A memória social e a construção da identidade cultural: diálogos na contemporaneidade**. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/cccss/26/memoria-social.html>>. Acesso em: 04.mai.2019.

Anexo I

Figura 1 - Brasão representativo da comunidade dos Sagrados Corações que se localiza em Barreiros.



Foto:< google imagens>. Acesso em: maio de 2019.

Figura 2- Fotografia contendo todos os itens da Coleção Padre Justino, com excessão do cálice.



Foto: Felipe José Pickscius

Figura 3- Fotografia do Padre Justino.



Foto: Jonas Duarte (s.d?)

Figura 4 - Fotografia do processo de construção da igreja na década de 1960.



Foto: Jonas Duarte.

Figura 5- Fotografia da Igreja Matriz dos Sagrados Corações poucos dias antes do começo dos trabalhos da reforma.



Foto: Jonas Duarte

Figura 6- Fotografia da Igreja Matriz dos Sagrados Corações, depois da reforma feita no telhado.



Foto: Jonas Duarte

Figura 7 - Parte interna da Igreja dos Sagrados Corações como ficou depois da reforma.



Foto: Felipe José Pickscius. Maio de 2019

Figura 8 - Comunidade dos Sagrados Corações, saindo da missa.



Foto: Felipe José Pickscius, maio de 2019.

Figura 9 - Parte frontal da Igreja Nossa Senhora de Lourdes.



Foto: <Google imagens>. Acesso em: 22/06/2019 às 09h30.

Figura 10 - Mapa mostrando a localização da Rua Heriberto Hulse.



Foto: <Google Maps>. Acesso em: 22/06/2019 às 09h35.

Figura 11 - Fotografia da Festa da Farinha como era antigamente com o parque de diversões a frente da igreja.



Foto: Jonas Duarte (s.d?)

Figura 12 - Vista da Rua Celio Veiga em 2019.

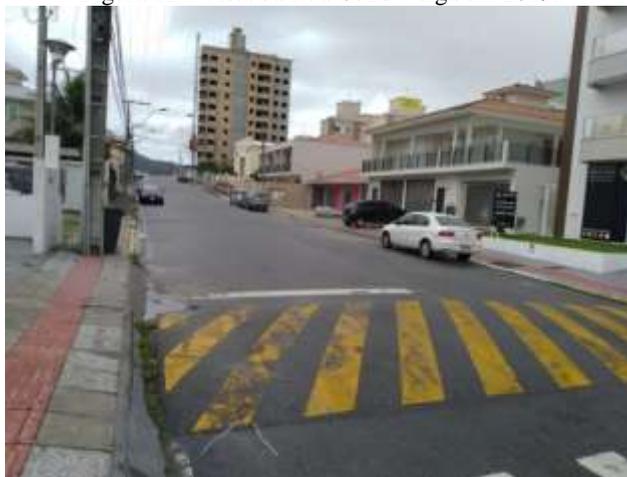


Foto: Felipe José Pickscius.

Anexo II

Entrevista Dona Maria do Carmo.

Felipe (F): Eu queria que a senhora falasse pra mim um pouco sobre a convivência que a senhora teve com o Pe. Justino. Queria que a senhora se apresentasse também, e queria que a senhora falasse sobre o que a senhora lembra das coisas que o Pe. Justino fazia aqui na Paroquia, aquelas coisas que a senhora tinha comentado comigo anteriormente.

Dona Maria do Carmo (MC): Boa Tarde, eu sou Maria do Carmo, e conheci o Pe. Justino desde os dez anos de idade, e fui à posse dele na paroquia em 1961, e vi todos os trabalhos que ele fazia, a dedicação aos pobres, e ele trouxe pra cá dentista, começou lá na Nossa Senhora de Lourdes né, dentista, enfermeiro, medico, depois veio pra cá em 64, ai tinha a ação social, ai tinha corte e costura, tinha datilografia e tinha cinema né

Felipe: olha...

MC: naquela época, na minha casa a gente dizia Matinê né, aí a gente ia assistir, ai arrebentava a fita e ele ia correndo com aquela batina branca e subia aquela escada e arrumava lá e tocava de novo né, a gente via, e era muito legal né, lá no salão da Nossa Senhora de Lourdes, ai aqui não teve cinema, aí ele fez o projeto da casa dos salas pra tudo né, aí criou a Ação Social, onde ele ajudava as crianças, os pobres né, assim, ele fazia de tudo, ele trazia o leite, trazia queijo lá dos estados unidos, conseguia através de convênios né

F: Ele trazia muita coisa da Holanda também né? Bastantes doações...

MC: Da Holanda ele trazia bastante fantasia, bastante roupas, trazia bastante roupas novas assim, que a gente, eu fui uma que fui bem beneficiada com isso, ganhei bastante roupa dele, é, ele atendia os doentes, ele ia na casa das pessoas né e atendia aqui e ali né, olha, assim, era uma pessoa de mil utilidades sabe, de tudo ele queria fazer e queria fazer Barreiros crescer, e principalmente na parte social, aqui era uma região de muitas pessoas carentes sabe, então ele queria ajudar, arrumava emprego, inclusive arrumou pra mim pra ir pro colégio, fiquei interna quase cinco anos graças a ele, ele conseguiu a bolsa e eu não paguei nada, é, o que mais que ele fazia? Só o fato da ação social já diz tudo né, ele queria fazer de tudo né, a doação dele era demais, ele

adorou vir aqui pra cá né, e gostou mais ainda aqui da nossa cidade do que na própria Holanda, como o livro ali fala.

F: É, eu li o livro ali.

MC: Assim, quando ele partiu daqui, em 85/86, ele ficou mais triste de ter saído daqui do que da própria Holanda, quando ele tinha seus 18/19 anos quando saiu pra vir aqui pro Brasil, ele saiu jovem de lá, e aqui na Ação Social, eu fiz Datilografia, a Irmã Lurdes que era professora aqui, que ainda esta viva e trabalha num colégio aqui, no das irmãzinhas franciscanas, e ajudou aqui na ação social né, então é isso, deixa eu ver o que mais a gente fazia, ele gostava de ajudar as pessoas, arrumou emprego, um monte de emprego pra bastante gente mesmo. Inclusive tem um rapaz aqui no Solimar, o Chiquinho, não sei se você conhece?!?

F: Não...

MC: O Chiquinho foi um que arrumou emprego e hoje está aposentado graças ao Pe. Justino, ele pode até te contar a história dele, você pode conversar com ele, é um testemunho né, bem real do bem que o Pe Justino fez né, bem, ele ajudava as crianças, as mães, tinha de tudo né, Assim, tudo que vinha ate a ação social né, e não era só criança, era o povo em geral.

F: E as crianças que são atendidas pela ação social aqui hoje né, pelas creches, são só católicos ou tem de outras religiões?

MC: Não, aqui não tem religião né, aqui vem aquela mãe carente que precisa trabalhar né, muitas vezes de doméstica, que ganham um salário ou menos até.

F: E isso, essa prática de conviver com outras pessoas já vem da época do Pe Justino, lá de trás?

MC: sim, a gente nunca discriminou, criança é criança né!

F: Legal, muito legal, que exemplo né, que belo exemplo de pessoa.

MC: Demais né, ah, ele fez meu casamento também, a gente ficou com muita pena quando ele se foi né, porque ele sim era um enviado de Deus.

F: Bem, aqui onde nós estamos agora, é a Casa Paroquial né?

MC: Sim

F: Daí aqui do lado tem a casa onde hoje é morada do pároco né, do Pe Alceoni, também foi projeto do padre Justino?

MC: Aqui na própria Casa Paroquial era dele também, aqui em baixo era a secretaria né, ai tinha a recepção, ai tinha as pessoas que atendiam aqui que eu não me lembro mais quem eram, aí tinha a empregada dele, a Osvaldina, que ainda é viva também, trabalhou

muitos anos aqui com ele, bom, aqui é a casa nova, foi o Padre Timóteo que fez, mas a casa antiga era bem maior que essa, e aqui da casa tinha um corredor que dava nos fundos onde tinha o salão que ele fez, um auditório bem grande assim né, pra artístico né, com aquelas cortinas e tudo, ai no tempo dele tinha os grupos de jovens né, e a gente se apresentava ali, fazia a apresentação do Canto e Encanto, como tem hoje nos grupos de jovens ne, era bem legal assim, ele atendia as pessoas, aqui tinha uma sala de reunião, vi muita gente em reunião com ele aqui né, muitas por causa do curso de batismo que já começou naquela época, vinham falar com ele pra fazer o curso né, já que era com ele, ele o seu Edivaldo e o Diácono Licínio, e ele era bem alegre assim, a gente sempre via ele alegre, sempre correndo, sempre na ativa, a gente nunca via ele paredão assim, ele parava só pra ficar pensando no que fazer, e depois que ele construiu mesmo, foi só correria...

F: Eu li naquele livro sobre o Pe. Justino, que foi escrito pelo Maurice Aben, sobrinho-neto do Padre Justino, e o pai dele e queria confirmar com a senhora, se a senhora souber me responder, se o padre Justino planejou ou construiu alguma escola aqui no bairro?

MC: Como já havia dito, ele criou o curso de datilografia e corte e costura apenas. Ele trouxe pra cá as Irmãs Franciscanas de São José, as irmãs do Eliza Andreoli lá de Capinzal. Ele foi o precursor, mas o poder público foi seguindo os passos dele, não com muito mais dedicação que ele, mas deram sequência aos trabalhos dele, trazendo postinho de saúde para o bairro.

MC: Eles o chamaram de doido, por construir a igreja aqui e foi um ponto bom, ele tinha visão de futuro.

F: Ele comprou uma quadra inteira pra construir a igreja e fazer o alicerce para a praça.

MC: Sim, só que hoje a praça não é mais nossa, foi um ato falho, ela foi vendida ou doada pra prefeitura. De certo modo até que foi bom, porque como íamos pagar pra manter a praça. Ele fez o Salão Paroquial, também era projeto dele.

F: E o desenho da igreja foi feito por Oscar Niemeyer?

MC: foi só um esboço, uma ideia, que depois foi usado pra fazer a maquete que depois foi levada pelo pe. Justino pra Holanda pra angariar fundos pra construção da igreja aqui no Brasil, o que é uma pena, nunca mais vimos essa maquete. O pai do Padre Alcione, o Seu José, ia todos dos dias lá em casa para ver como estava ficando a maquete. O pe. Justino trouxe duas congregações pra cá, talvez ele tivesse a intenção de trazer mais, depois ele foi transferido para Minas Gerais, mas ele vinha visitar a comunidade. Ele ajudou bastante. Era

Universidade Federal de
Santa Catarina

Curso de
Graduação em
Museologia

Centro de
Filosofia e Ciências
Humanas

Campus Universitário
Trindade
Florianópolis- SC

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em
Museologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas
da Universidade Federal de Santa Catarina, requisito
parcial à obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientador: Prof. Me. Valdemar de Assis Lima.

Florianópolis, 2019

sonho dele de ser enterrado aqui na comunidade, de tanto que ele gostava daqui. Sonho dele, que anos depois se concretizou, agora, há pouco tempo foi inaugurado o busto dele em frente à igreja, o acervo dele também está aqui na comunidade, que até então estava com o sobrinho neto dele, falta só um lugar pra expor esses objetos...

F: Um espaço legal seria dentro da própria igreja que o Padre Justino se dedicou a construir e dizia que era a igreja dele... Até o próprio Maurice, concorda com essa ideia.

MC: O Padre Alcione quer colocar num espaço especial dedicado a memória do Padre Justino, dentro do futuro memorial do bairro.

F: Legal... Então tá, da minha parte, era isso.

MC: Eu que agradeço por poder ajudar, como lhe disse, procure o Chiquinho e a Osvaldina, eles podem também contribuir com a sua pesquisa.